

MENINAS DA VILA: UMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR DO EMPODERAMENTO FEMININO

Marianne Ramos de Oliveira¹

Carla Conti de Freitas²

GT 1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo

O presente trabalho pretende discutir a importância de um projeto que atua de forma transdisciplinar na vida de jovens, desenvolvido a partir de vivências nas áreas de artes, esportes e línguas, contribuindo para a formação humana das envolvidas no processo de ensino/aprendizagem. Os objetivos deste artigo são: analisar o aspecto transdisciplinar do projeto Meninas da Vila e averiguar a importância da oficina para as meninas. A metodologia está de acordo com os pressupostos da pesquisa transdisciplinar, atentando para a possibilidade do uso de vários procedimentos e técnicas na construção da metodologia transdisciplinar a partir dos diálogos e das interações do pesquisador (sujeito transdisciplinar) com seu objeto de pesquisa (objeto transdisciplinar). Ao propor as ações de extensão, a universidade abre espaço para o questionamento de algumas questões sociais e da realidade prática vivenciada pela comunidade ali representada, como a condição de vida das meninas e mulheres que integram as atividades, para que através desse projeto elas possam ter novas oportunidades. Foram feitas entrevistas semi dirigidas com as professoras, voluntárias e alunas das oficinas a fim de verificar as experiências e as consequências das ações desenvolvidas.

Palavras-chave: Meninas da vila, transdisciplinaridade, emponderamento

Introdução

A abordagem transdisciplinar possui importantes eixos particulares. Aqui focaremos nas oficinas desenvolvidas no projeto de extensão Meninas da Vila, realizado no Campus Inhumas da Universidade Estadual de Goiás. Compreendendo que a Universidade objetiva a formação de pessoas ativas no processo de transformação social, consideramos os projetos de ensino, pesquisa e extensão como um dos caminhos para tal transformação.

¹ Marianne Ramos de Oliveira, Universidade Estadual de Goiás, UEG.

² Profa Dra. Carla Conti de Freitas, Universidade Estadual de Goiás, UEG.



81

No quarto ano do curso de Pedagogia, cursei a disciplina de estágio em docência, onde trabalhei em uma perspectiva transdisciplinar em uma escola de tempo integral na cidade de Inhumas com o pensamento no sujeito como foco norteador do ensino/aprendizado. A partir dessa vivência notei a importância de um ensino com enfoque no sujeito e como essa perspectiva abre novas possibilidades de ação e atuação. Surgiu então a motivação original para desenrolar o presente estudo, visando apreensão de maior conhecimento na área e contribuições com os dados observados e aqui elencados.

No curso da pós graduação Lato Sensu em Transdisciplinaridade e interdisciplinaridade na educação, no primeiro eixo, os alunos da turma 1 percorreram acerca de um projeto da faculdade, o projeto Meninas da Vila, que tem como foco de trabalho o empoderamento feminino em uma perspectiva transdisciplinar. Desse modo, com base no que estudei no estágio, houve o despertar do desejo de pesquisar sobre tal projeto.

O presente trabalho pretende discutir a importância de um projeto que atua de forma transdisciplinar na vida de jovens vulneráveis, desenvolvido a partir de vivências nas áreas de artes, esportes e línguas, contribuindo para a formação humana das envolvidas no processo de ensino/aprendizagem. Desta forma, os objetivos desse artigo são: analisar o aspecto transdisciplinar do projeto Meninas da Vila e averiguar a importância da oficina para as meninas.

A proposição inicial foi trazer uma reflexão acerca de projetos que visam a inserção da comunidade em práticas educativas que ocorrem no âmbito do ensino superior e o que isso acarreta no meio acadêmico e no meio social.

A metodologia está de acordo com os pressupostos da pesquisa transdisciplinar, atentando para a possibilidade do uso de vários procedimentos e técnicas na construção da metodologia transdisciplinar a partir dos diálogos e das interações do pesquisador (sujeito transdisciplinar) com seu objeto de pesquisa (objeto transdisciplinar). Uma dinâmica com via de mão dupla, pois tanto o pesquisador intervém no objeto, quanto o objeto intervém no pesquisador, jamais sendo neutra (MORAES; VALENTE, 2008). Uma perspectiva epistemológica de pesquisa “é uma forma de compreender e explicar como conhecemos o que sabemos” (Sandin-Esteban, 2003, p.



82

47 apud Moraes e Valente, 2008, p.13).

Como referencial teórico, foram escolhidos Basarab (1999), Petraglia (2008), Camilo e Freitas (2015), Suanno (2011, 2013), Santos e Barros Sánchez (2010), Libâneo (2011), Moraes e Valente (2008).

Ao tomar consciência de si e de sua realidade, assumindo o empoderamento, esperamos que as meninas do Projeto possam perceber novas possibilidades de ação e atuação, e assim, desenvolver novas perspectivas.

2. Projeto Meninas da Vila à luz dos pressupostos teóricos da transdisciplinaridade

Nicolescu Basarab, autor do Manifesto da Transdisciplinaridade (1999) aponta que tal vertente de ensino pensa a ciência e a consciência; o pensamento e a experiência; a efetividade e a afetividade. Dessa forma, a transformação de visão e de ação no mundo passa por um diálogo transdisciplinar, baseado em pontes que ligam os seres e as coisas, acompanhado por uma revolução da inteligência que transforma nossa vida individual em social, através de um ato estético e ético, desvelando a dimensão poética, superando o interesse da eficácia pela própria eficácia e resgatando o Humano.

Como já mencionado, o foco principal deste trabalho é analisar o impacto do Projeto Meninas da Vila a partir de uma atividade proposta e desenvolvida na oficina de design sustentável. A arte acaba por balizar, através da sensibilidade, a evolução humana. Reflete o homem no seu tempo, sob os moldes de sua sensibilidade, e de forma diferenciada. Para estar afinado com seu tempo, urge para o artista estar interagindo com o tempo. Nessa interação o papel do artista é analisar situações e percepções para poder propor novos desdobramentos, obedecendo a uma lógica própria, expressando uma forma particular de pensar e agir.

Uma educação complexa deve ser comprometida com o devir: com o político e o pedagógico, destacando dessa relação o papel dos sujeitos na construção de sua identidade. Há de levar em conta o respeito às diversidades étnicas, religiosas, de gênero, de orientação sexual e as culturas. Há de se valorizar as experiências sensíveis e estéticas; o equilíbrio da afetividade com a sexualidade; da emoção com a razão; da teoria com a prática e estimular a convivência amorosa com o



83

outro, com o meio ambiente (Petraglia, 2008, p. 38).

Suanno (2013) afirma que a teoria da transdisciplinaridade, além de estar situada entre, através e além das diferentes disciplinas, é pautada nos conhecimentos científicos, sociais e culturais, sendo necessário à educação que se assuma uma perspectiva multidimensional e de múltiplas referências, sem deixar de lado o conhecimento prévio e particular de cada um dos envolvidos no processo, justificando assim uma identidade de autorreferencia.

Em relação às oficinas desenvolvidas no Projeto Meninas da Vila, ao propor as ações de extensão, a universidade abre espaço para o questionamento de algumas questões sociais e da realidade prática vivenciada pela comunidade ali representada, como a condição de vida das meninas e mulheres que integram as atividades, para que através desse projeto elas possam ter novas oportunidades. Assim como defendido por Camilo e Freitas (2015), o suporte teórico do Projeto é o empoderamento feminino, e um dos objetivos norteadores é a formação cultural e sustentável das meninas que vivem nas regiões circunvizinhas da Universidade, por meio da arte, línguas e esporte e com isso, promover o aumento da autoestima ao mesmo tempo em que proporciona ampliação da visão e compreensão de suas reais condições de vida. Com tal ampliação, espera-se que as meninas possam perceber novas possibilidades de ação e atuação e assim desenvolver novas perspectivas.

Quando o ser humano adquire consciência de seu processo transformador, pode fazê-lo, a partir de suas crenças e de suas concepções. Torna-se mais autônomo, e toda autonomia pressupõe também dependências de um tempo, uma cultura, uma linguagem, um lugar e de diversas histórias e relações. O ambiente altera o meio, que, ao mesmo tempo é alterado por ele (Petraglia, 2008, p.37).

O Projeto Meninas da Vila obedece a três pressupostos da transdisciplinaridade, a saber: complexidade, transdisciplinaridade e sustentabilidade. Durante sua realização, as atividades acabam por estimular as meninas a repensar, religar seus saberes e experiências a fim de adquirirem novas aquisições de conhecimentos, uma experiência que permite novas formas de conhecer e produzir conhecimento, como aponta a obra de Suanno (2013). A educação da mente ocorre a partir do questionamento das verdades particulares. O projeto visa orientar tais



84

questionamentos de verdades sem desconsiderar os saberes pertencentes a cada menina envolvida, entendendo que a complexidade não pressupõe abandono de conhecimentos prévios e sim, ampliação de visão e visão com paradigmas cristalizados.

A transdisciplinaridade busca conhecer o outro com mais afinco, permitindo com que o ser humano se perceba incluído no meio acadêmico, no contexto da aprendizagem. Não é simples promover a inclusão uma vez que as desigualdades são palpáveis. As meninas da comunidade precisam rever suas atitudes, reorganizar seus conhecimentos assumir uma postura frente a ruptura dos velhos paradigmas, sem desmerecer suas histórias e origem.

A interdisciplinaridade diz acerca da comunicação, do diálogo, da colaboração e da abertura. Diferentes oportunidades são indispensáveis a fim de que cada indivíduo possa exercer o direito de escolha e assim, tomar suas próprias decisões, sem padronização ou conceitos equivocados de ‘certo e errado’ que não consideram particularidades e individualidade.

2.1 Empoderamento feminino

O empoderamento originou-se nas lutas pelos direitos civis, principalmente no movimento feminista, significando, entre outros, o desenvolvimento de potencialidades, o aumento de informação e percepção, buscando uma participação real e simbólica que culmine em maiores possibilidades de democracia. Empoderamento feminino é a concessão de poder de participação social às mulheres (palavra em inglês: “*empowerment*” que significa ‘dar poder’ em tradução livre), garantindo que estejam cientes acerca da luta pelos seus direitos, incluindo a igualdade entre os gêneros. A forma como os sujeitos fazem suas escolhas tem estreita relação com a capacidade de participação, mas também com a distribuição do poder nesses espaços.

Consiste, basicamente, no posicionamento das mulheres em todos os campos sociais, políticos e econômicos. Ao conscientizar a mulher de seu lugar e suas possibilidades e incentivá-la a assumir seu poder individual, há crescimento e fortalecimento do papel de todas na sociedade. É um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e condutais.

Alguns autores mantêm o termo na língua inglesa a fim de garantir maior fidedignidade



85

no uso, e mesmo que ele represente na literatura “uma abordagem voltada para melhorar a situação e a posição dos grupos mais vulneráveis”, na tradição anglo-saxônica do liberalismo civil e religioso a palavra *empowertem* como tradução os verbos transitivos autorizar, habilitar ou permitir (Stotz e Araújo, 2004 *apud* Kleba e Wendausen, 2009, p.735).

Kleba e Wendausen (2009) pontuam que a palavra empoderamento é empregada com mais frequência no Brasil em dois sentidos específicos:

Um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc. em sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial (Gohn, 2004 *apud* Kleba e Wendausen, 2009, p.735).

O empoderamento não pode ser fornecido a alguém e nem mesmo realizado para determinadas pessoas ou grupos, mas é concretizado via processos em que as pessoas se empoderam a si mesmas. Profissionais ou agentes externos podem catalisar ações ou auxiliar na criação de espaços que favoreçam e sustentem processos de empoderamento, que refletem em situações de ruptura e de mudança do curso de vida. Através desse processo as pessoas renunciam ao estado de impotência e transformam-se em sujeitos ativos, que “lutam para si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação, tomando a direção da vida nas próprias mãos” (Herriger, 2006a, p.16 *apud* Kleba e Wendausen, 2009, p.735).

Uma parceria entre a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres) e o Pacto Global das Nações Unidas criou, em 2016, um grupo de Princípios para o meio empresarial oferecendo orientação sobre como delegar poder às mulheres no ambiente de trabalho, mercado de trabalho e na comunidade; são os Princípios de Empoderamento das Mulheres. Empoderar mulheres e promover a equidade de gênero em todas as instâncias sociais e econômicas fortalecem de fato a economia, impulsionam negócios, melhoram a qualidade de vida de mulheres, homens e crianças, e subsidia um melhor desenvolvimento sustentável. Os princípios são:

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto



86

nível.

2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero (ONU MULHERES, 2016, p. 3).

De modo geral, quando um projeto, como o Meninas da Vila, aponta empoderamento feminino, ele se refere a tornar as meninas autoras de suas próprias histórias, rompendo com paradigmas oriundos de suas classes sociais, condições ou mesmo escolaridade deficitária, entre outros. As ações desenvolvidas objetivam trazer novas perspectivas de atuação na sociedade, ampliando visões e permitindo certa capacitação no sentido de se conseguir sustento financeiro com trabalho artesanal.

Silva (2010) pontua que os processos de empoderamento ocorrem em arenas conflituosas, onde necessariamente se expressam relações de poder que precisam ser encaradas como algo plástico, flexível, logo, modificável pela ação-reflexão-ação humanas, na medida em que os indivíduos compreendam sua inserção histórica passada, presente e futura e sintam-se capazes e motivados a modificar sua realidade. Essas relações de poder podem ser identificadas em três níveis, concretizados em diferentes dimensões da vida social. O nível pessoal desencadeia convicção acerca da própria competência e capacidade e possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, perseguição de objetivos idealizados, promove estruturas decisórias participativas, o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. O nível estrutural desencadeia sensibilização para recursos existentes, utilização de oportunidades de apoio externo, mediação de capacidades associativas, motivação com ideias e visões ou com iniciativas e projetos que promovem ações conjuntas. Promove inserção nos



87

projetos sociais e políticos, criação e conquista de espaços de participação na perspectiva da cidadania.

3 Metodologia

Santos e Barros Sánchez (2010) discorrem acerca dos Métodos interativos na perspectiva da transdisciplinaridade. Frisam a importância da inclusão dos temas transversais nas propostas de ensino, sendo eles: ética, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e orientação sexual. E, reiteram Morin (2003) ao dizer que estes temas são perpassados pela ecologia da ação, ou seja, quando uma ação é lançada no mundo deixa de obedecer as nossas intenções, e integra um jogo de ações e interações do meio social no qual acontece, seguindo direções distintas daquela inicialmente intencionada. O humano é complexo e complexas são suas interações e possibilidades. A educação transdisciplinar requer construção de novas sinapses neuronais, já que pressupõe reinvenção de conhecimentos, ressignificação.

A metodologia deste trabalho está de acordo com os pressupostos da pesquisa transdisciplinar, que considera as principais perspectivas teóricas epistemológicas e ecossistêmica, ela avança em relação aos conceitos da perspectiva positivista, interpretativa e sociocrítica, atentando para a possibilidade do uso de vários procedimentos e técnicas na construção da metodologia transdisciplinar a partir dos diálogos e das interações do pesquisador (sujeito transdisciplinar) com seu objeto de pesquisa (objeto transdisciplinar).

Neste sentido, optamos por quatro instrumentos de pesquisas: a) registro da história de vida da pesquisadora e primeira autora deste artigo e a sua relação com o tema escolhido; b) documentos relacionados ao projeto Meninas da Vila e os documentos de registro das participantes, cujas informações foram utilizadas na descrição do projeto e do contexto; c) entrevista com as coordenadoras, professores/voluntários e participantes do projeto; d) relato da pesquisadora sobre a participação na oficina de design.

Para a realização desta pesquisa, as ações foram organizadas em três momentos. No



88

primeiro momento, foi realizada a entrevista com as coordenadoras do projeto; no segundo momento, houve a minha intervenção na oficina de design, acompanhada pela professora voluntária responsável; e no terceiro momento, foi feita a entrevista com voluntários que atuam no projeto. Cada um desses momentos estão descritos a seguir.

3.1 História de vida da pesquisadora

O relato da história de vida da pesquisadora foi considerado como instrumento de pesquisa porque, na discussão sobre a pesquisa transdisciplinar, a noção de sujeito é importante e definidora das tomadas de decisão. Neste sentido, conhecer quem fala e de onde fala contribui para a compreensão da análise realizada sobre o objeto estudado. Neste sentido, apresento o relato na íntegra para que o leitor compreenda as motivações e as escolhas de análise por mim realizadas.

Na minha vida, passei por muitos acontecimento que me fizeram ser a pessoa que sou hoje e, me tornar a profissional que sou e um desses acontecimentos se deu no âmbito escolar. Fui uma criança que gostava de ir a escola, muito esforçada mas com dificuldades para apreender a ler. Consegui aprender na terceira série. Da escola tenho lembrança dos recreios, a parte que eu mais gostava eram as músicas colocadas para que a gente dançasse e brincasse de roda.

Quando fui ingressar o primeiro ano do ensino médio aconteceu um fato que me marcou muito. Na minha cidade tinha aberto o IFG, onde a pessoa estudava quatro anos e já saía com um curso técnico e ensino médio completo. Fui visitar o prédio e quando cheguei no Instituto fiquei encantada; falei para mim mesmo que iria estudar ali. Fiz a inscrição e estudei, mas estudei muito, só que me frustrei por não passar na prova seletiva. Chorei bastante e minha família me consolou, me dizendo que Deus sabia o que era melhor para mim. Então fui para outra escola e conheci novas pessoas, fiz novas amigas.

Quando cheguei ao terceiro ano, era hora de fazer vestibular. Passei pela dúvida sobre para qual curso prestar, qual profissão seguir; uma escolha que mudaria toda a minha vida. Pensei em várias como é de costume nessa fase da vida e então prestei o vestibular para pedagogia na UEG da minha cidade, e passei. Quando já cursava o segundo período na faculdade, tive minha primeira experiência com sala de aula, uma substituição em uma sala de primeiro período do Ensino Fundamental. Foi uma experiência ruim porém necessária à minha formação, pois os alunos estavam muito agitados e não consegui realizar as atividades com eles. Nesse momento decidi que iria ser uma ótima professora e que sempre daria o meu melhor.

Depois desse dia tive outras experiências profissionais, e a que mais me marcou aconteceu no meu primeiro estagio, como professora de apoio de uma aluna com paralisia cerebral.

Apreendi muito com ela, que não andava nem falava, mas, mesmo assim, eu planejava atividades, como por exemplo, pintura no espelho, pintura com tinta guache, colagem, entre outras coisas. Na hora do recreio eu me sentava no chão e a colocava sentada no meio das minhas pernas para que ela pudesse brincar com os meninos. Posicionava os pezinhos dela em cima dos meus e andava com ela. Ela amava aquele momento, sorria. Tudo o que ela fazia era com minha ajuda, e pude observar que desenvolveu muito. Um simples aperto de mão significava uma grande conquista para mim. O mais importante para mim foi descobrir que eu mesma possuía movimentos, fala e coordenação e ainda assim, reclamava. Através dessa experiência aprendi a aproveitar as coisas simples da vida. Fiquei um ano com essa aluna, até que ela precisou se mudar para outra cidade.

Então, comecei a trabalhar com outro aluno, dessa vez, portador de Deficiência Intelectual. Ele era muito agressivo, batia nos alunos e em todas as pessoas que chegassem perto dele. Eu elaborava atividades e ele não as fazia, rasgando os papéis e me furando com lápis. Ele me dava murros, não conversava comigo, e isso fazia com que eu fosse embora da escola, todos os dias, incomodada com aquela situação. Decidi fazer a diferença na vida dele e não desistir, como as outras professoras. Primeiro conversei com minha professora de estágio e dela recebi alguns livros para ler. Quando ela os entregou, pensei que ali nos livros não haviam formas dele parar de me bater e instruções para que eu conseguisse ensinar-lo, mesmo assim, segui suas orientações e li, estudando mais sobre sua deficiência. Em uma das minhas leituras encontrei metodologias que me ajudaram. Hoje faz três anos que acompanho a mesma criança, e ele não me agride mais, interage com o grupo escolar e realiza as atividades propostas, dentro de suas limitações.

Logo, com base nas minhas experiências profissionais, decidi fazer o curso de pós graduação Lato Sensu em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação, onde aprendi muitas coisas de grande valia, tanto para a vida profissional quanto para a pessoal. No curso conheci o projeto Meninas da Vila, que tem como foco de trabalho o empoderamento feminino em uma perspectiva transdisciplinar. Dessa forma, com base no que estudei no estágio, houve o despertar do desejo de pesquisar sobre tal projeto.

3.2 Meninas da Vila: caracterização do projeto

Quando entrei no curso da pós-graduação Lato Sensu em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação, os alunos da turma anterior discutiram acerca de um projeto da faculdade, o projeto Meninas da Vila, que tem como foco de trabalho o empoderamento feminino em uma perspectiva transdisciplinar. Ao conversar com minha orientadora sobre meu interesse de pesquisar sobre o projeto, ela abraçou a causa. No começo fiquei com receio, mas ela sempre tornava tudo mais fácil, constantemente tirando minhas dúvidas, me acalmando, me fornecendo todas as informações necessárias.

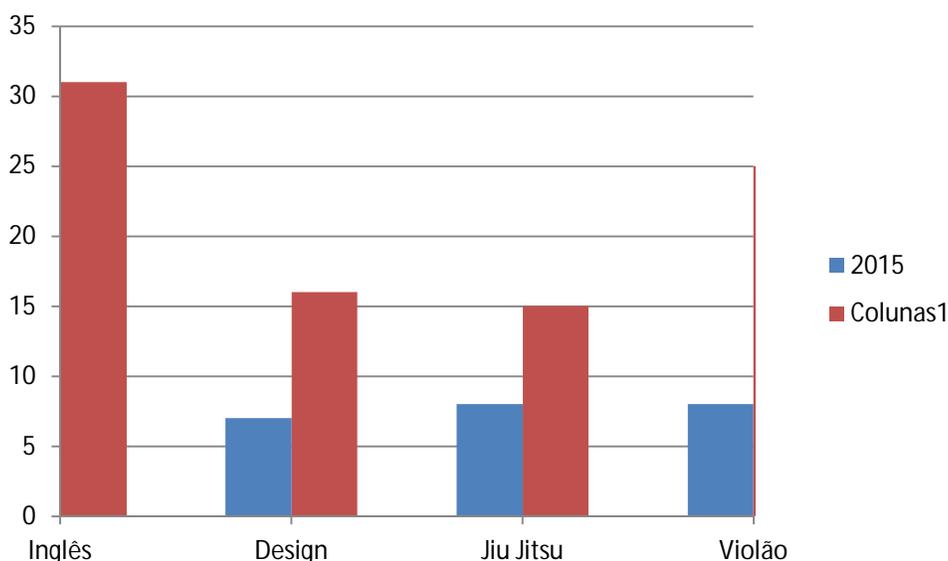
O projeto “Meninas da Vila”, desenvolvido pela UEG campus Inhumas, vem sendo



realizado a três anos com atividades educativas oferecidas a meninas da comunidade, de 12 a 15 anos, pertencentes a diferentes regiões da cidade. As atividades são realizadas por colaboradores voluntários que são professores ou pessoas da comunidade.

No ano de 2015, foram inscritas vinte meninas e em 2016, trinta e oito. O gráfico a seguir, ilustra o número de participantes em cada oficina, considerando que as inscritas podem participar de até três oficinas.

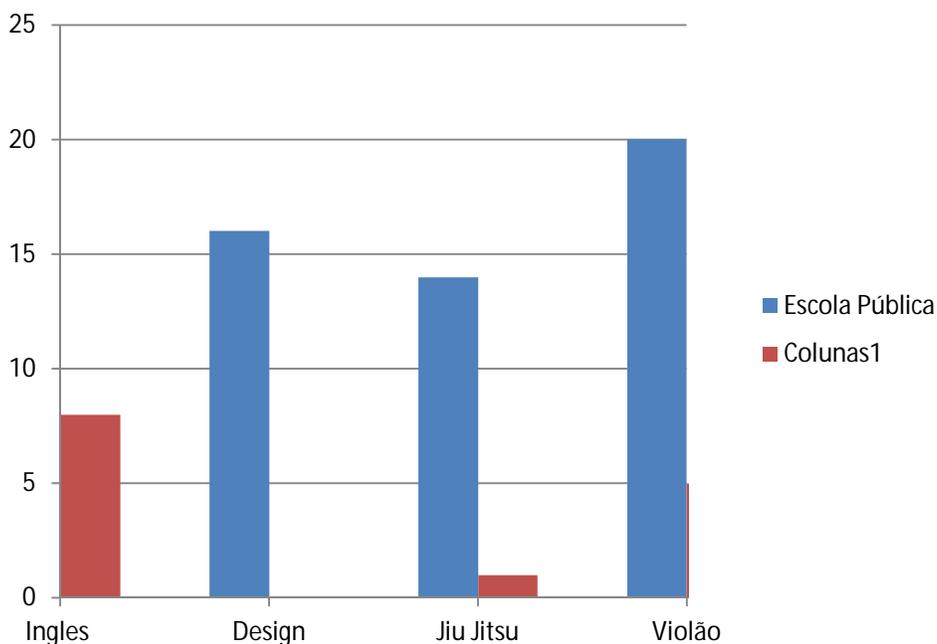
GRÁFICO 1 – NÚMERO DE PARTICIPANTES POR ANO



FONTE: Pesquisadora

No ano de 2015, participaram do projeto, 10 alunas de escolas públicas e 8 de escolas particulares, sendo 7 na oficina de inglês, 7 na oficina de design, 8 na oficina de jiu-jitsu e 8 na oficina de violão. Em 2016 houve um aumento significativo na quantidade de meninas inscritas no projeto. 15 meninas participaram da oficina de jiu-jitsu, sendo 14 vindas da rede pública e 1 da rede particular de ensino. Da oficina de violão, participaram 25 meninas, 20 da rede pública e 5 da privada. Da oficina de design, 16 meninas, todas da rede pública de ensino. Da oficina de inglês, participaram 31 meninas, sendo 23 da rede pública e 8 da rede particular de ensino.

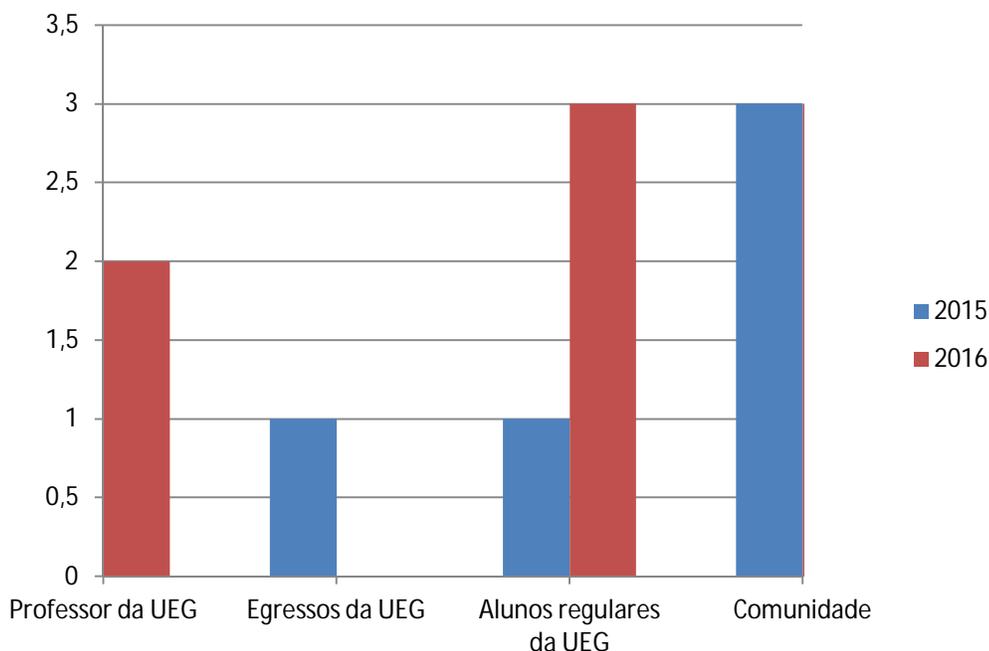
GRÁFICO 2 – CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES – ESCOLA



FONTE: Pesquisadora

Quanto aos colaboradores, em 2015 foram sete, duas professoras do quadro docente da UEG/Câmpus Inhumas, uma aluna egressa do curso de Letras da UEG/ Câmpus Inhumas, uma aluna bolsista e três membros da comunidade. Até julho de 2016, o Projeto contou com duas professoras do quadro docente da UEG/Câmpus Inhumas, dois alunos bolsistas, uma aluna do curso de Letras e três membros da comunidade.

GRÁFICO 3 – CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES/VOLUNTÁRIOS



FONTE: Pesquisadora

As oficinas oferecidas pela universidade são definidas a partir da disponibilidade dos professores e colaboradores voluntários que atuam no projeto. Em 2015 e 2016, foram realizadas as oficinas de violão, design sustentável, inglês e jiu-jitsu. As oficinas ofertam aulas todos os dias da semana, sendo um dia da semana para cada modalidade, com duração de duas horas cada aula. Em 2017, o projeto tem funcionado com oficinas de inglês e design, no primeiro semestre.

Cada oficina objetiva desenvolver habilidades específicas nas meninas, e assim, contribuir para o descobrimento de talentos e orientar no aperfeiçoamento dos conhecimentos adquiridos.

A oficina de Inglês é ministrada por uma voluntária, aluna do curso de Letras, com orientação realizada pelo Centro de Idiomas. A oficina de Design sustentável é realizada por uma professora da UEG/Câmpus Inhumas com formação em Design, e possibilita a criação de

produtos a partir de materiais descartados e doados por empresas.

A partir de uma perspectiva transdisciplinar, propõe-se trabalhar com o empoderamento feminino através de oficinas de línguas, oficinas de esporte e oficinas de artes com design, que é o foco desse artigo. Essa ação é de suma importância na vida dessas meninas por possibilitar a elas novas oportunidades que visam a ampliação de seus horizontes e a percepção de que existem melhores condições de vida, em relação as que por elas são vivenciadas.

3.3 As vozes do Meninas da Vila

As entrevistas da pesquisa foram realizadas as coordenadoras, professores/voluntários e alunas, conforme roteiros descritos a seguir. As respostas são o que considero “as vozes do projeto”. As entrevistas trouxeram a impressão, o sentimento e a vivência dos envolvidos e colaboraram para a compreensão e estudo sobre a importância do trabalho realizado junto à comunidade:

Quadro 1 - Roteiro da entrevista com as coordenadoras do Projeto

- Como nasceu o projeto?
- Qual o objetivo do projeto?
 - Qual a importância desse projeto?
 - Quais oficinas tem no projeto meninas da vila?
 - Que idade tem as meninas que participa do projeto?
 - O trabalho realizado e voluntário?
 - Que dia da semana acontece o projeto?

Fonte: própria da pesquisadora

Quadro 2 - Roteiro da entrevista com professores/as voluntários/as

- Para você qual a importância do projeto para as meninas?
- O que mais lhe marcou ao trabalhar com as meninas?
- Você é voluntária no projeto ou bolsista?
- Na hora de elaborar as aulas você tinha alguma ajuda?

Fonte: própria da pesquisadora

Quadro 3 - Roteiro da entrevista com as alunas participantes do projeto



94

- Como você ficou sabendo do projeto?
- O que você mais gosta no projeto?
- O que você aprendeu no projeto?
- O que mudou na sua vida a partir do projeto?
- O que profissão você quer seguir?
- Você quer fazer alguma faculdade? Se sim qual?

Fonte: própria da pesquisadora

As entrevistas com as duas coordenadoras do projeto aconteceram na UEG. Através dessa pesquisa, pude entender mais sobre o projeto e a importância dele nas vidas das meninas. A fala de uma das coordenadoras sobre como nasceu o projeto me fez repensar em muitas coisas da minha própria vida e em como minhas atitudes podem influenciar a mudança na vida do outro. Pude também interligar a prática com o que vivi na pós graduação.

Coordenadora 1:

“O projeto meninas da Vila nasce na ideia da universidade oferecer para as meninas aqui da região do setor oportunidades de vivências diferentes daquelas que elas tem no cotidiano. Quando agente pensa que aqui e uma vila, um bairro da cidade que apresenta problemas sociais por falta de oportunidades dos jovens nas artes, na música em geral até no esporte, assim pensamos como que a universidade pode oferecer uma situação diferente da realidade deles nasceu também da ideologia que faz parte da minha vivência com minha filha que está ancorada na ideologia de Chiara Lubich que foi uma mulher muito importante no século passado ela já faleceu há alguns anos, o ideal que ela defendia era cuidar do universo do mundo defendendo a ideia de unidade porque se agente se percebe se como um, agente consegue transformar o lugar que agente vive, baseados nos princípios dela que não é relacionada a uma única religião e um princípio ecumênico e várias religião tem o princípio dela como base nos pensamos em trazer para cá esse projeto”.

Pensar no próximo e coordenar um projeto como esse, enfrentando todas as dificuldades que surgem: depender de voluntários para ofertar as oficinas, conhecer de perto algumas particularidades das vidas da meninas, ter o cuidado em ajudar na construção dos planejamentos, aliado a outras coisas, faz com que o projeto seja tão importante como ele é.

Coordenadora 2:

“O projeto foi pensado para contribuir na vida das meninas, então ela tem em comum a base teórica a questão



95

do emponderamento mesmo, e pensamos nisso em todos planejamentos que agente faz, isso não é falado para elas, mas isso é falado nas nossas ações, nas nossas ações com elas e nas escolhas que agente faz, pois agente acredita se elas tem a oportunidades de se conhecer melhor nas artes nas atividades físicas em uma aula de música, no contato com as pessoas aqui, no laboratório, então elas também vai desenvolvendo mais confiança mais auto estima”.

A coordenadora 2 atua como voluntária, ofertando uma das oficinas e relatou seu prazer em se deslocar de Goiânia para participar do projeto e, como ela percebe a importância dele para as meninas, uma vez que muitas não tem oportunidades de escolher o que querem para seus futuros.

“Sobre as meninas vejo assim que muda muito a relação que elas tem com outras pessoas a visão que elas tem da universidade como lugar inalcançável e elas passam a perceber que a universidade é um lugar possível, quando elas são excluídas do sistema elas não se vêem como atuantes elas acham que o mundo é assim foi assim com a mãe dela com avó dela e vai ser assim com ela, especialmente as meninas pois os meninos tem um pouco de liberdade sai buscar emprego buscar outras coisas mas as meninas fica muito em casa com a mãe e são muito voltadas para o trabalho de casa muitos pensa minha mãe e faxineira vou ser também não que isso seja ruim e que elas não se vêem com opção a primeira coisa que vejo que muda na visão delas e isso porque elas pensam então posso estudar aqui que pertinho da minha casa e vê que pode fazer uma faculdade então acho que desperta para elas que é possível ter outra profissão além daquela está mais presente no ambiente familiar dela outra coisa também e o projeto de vida que muitas se vêm com o futuro determinado, então quando agente fala para elas que elas não precisam casar ter filhos tão nova, porque elas casam com 12, 16 muito novas então agente fala para elas que elas podem esperar estudar ter seu tempo”. (Coordenadora 2)

Coordenadora 1

“Na dureza do mundo, na dureza do nosso cotidiano, no cotidiano da universidade, no cotidiano das nossas casas, na dureza disso tudo agente acha uma hora naquele dia ou naquela semana e você pensa nossa nós não sabemos o que é dureza, o projeto é encantador, nas risadas, no olhar delas, no sorriso delas quando elas mostram o produto que elas fizeram, e as meninas que fazem o violão eu gosto muito de dar o exemplo delas porque elas vão para debaixo daquela árvore ali e eu penso só aquilo já falou só de tocar aquele violão debaixo daquela árvore e uma experiência indiscutível para aquelas meninas, pela paz, pela oportunidade, pela vibração do lugar, pela experiência, eu penso que não conseguimos mensurar os pontos positivos e negativos que o projeto pode trazer para nós, pois nos dão a chance de nos relacionar, de participar de crescer e isso que importa”.



96

Nas entrevistas com os voluntários do projeto, egressos do curso de letras, alunas da pós-graduação e pessoas da comunidade, suas falas me deixaram encantada. A dedicação e empenho deles para que o projeto funcione e a disponibilização de um pouquinho de seus tempos para dar aulas para as meninas, é admirável. Muitos afirmaram que aprenderam bastante com o projeto tanto para sua atuação profissional quanto pessoal.

Voluntária 2:

“Estou no quarto ano, estou concluindo, e o meu envolvimento com o projeto foi aprender mesmo, como lidar em ser professora junto com as meninas, junto com a equipe do projeto, e lidar com as meninas da vila foi muito bom porque a gente aprende muito, a gente aprende a dar aulas, assim a conversar com as meninas, como se deve conversar, como você vai ministrar as aulas, como você vai fazer as ministrações das aulas”.

Ao ouvirem as perguntas dos questionários, todos os voluntários podem perceber a abordagem transdisciplinar do projeto. É notável que o projeto traz aprendizado tanto para as participantes, quanto para os voluntários e as coordenadoras. Desse modo, é perceptível que o projeto é transdisciplinar pela forma como as atividades são interligadas e focadas no sujeito.

3.4 Vivência na oficina de *Design*

A minha participação como pesquisadora na oficina de Design foi iniciada com um diálogo de apresentação de cada uma, através de uma dinâmica de grupo. Posicionadas em círculo, cada adolescente pode segurar uma caixa com um espelho e falar o seu nome, e as características da pessoa refletidas dentro da caixa (no caso, a imagem dela mesma). Com essa dinâmica foi possível perceber como cada uma se vê. Em seguida foi entregue um quadrado de tecido para cada uma confeccionar um desenho sobre o que elas esperam para seu futuro. Foram utilizadas canetinhas para fazer o desenho no tecido. Cada uma falou sobre seu desenho e o motivo dele. Uma aluna me chamou a atenção ao desenhar uma escola de balé e dizer que gostaria de ser professora ali. Ela também disse que escolheu aquela oficina por gostar de



97

desenhar e querer aprender coisas novas.

Quando todas terminaram, os desenhos foram reunidos com o objetivo de montar um mosaico e o resultado final ficou lindo. Essa aula, em especial, foi muito importante para mim, pois tive a oportunidade de conhecer mais sobre o projeto, observando o trabalho feito pelas meninas e como elas falaram com amor do que aprenderam a fazer. Elas demonstraram muita satisfação em poder transformar uma coisa que aparentemente sem uso em algo lindo e útil.

Considerações finais

O quadro geral nacional revela que projetos sociais desenvolvidos para e com o público feminino tendem a propiciar atuação ativa das participantes, e com o apoio de políticas públicas que asseguram seus direitos, mais e mais mulheres ganham poder, são empoderadas e incentivadas a irem à luta, estudar, se profissionalizar, assumir o sustento das famílias e criar filhos com mais dignidade e melhores condições de vida.

O Projeto Meninas da Vila objetiva ampliar os horizontes e as possibilidades das meninas de baixa renda, beneficiadas pelas oficinas e intervenções. Com a abordagem transdisciplinar, empoderamento das meninas pode ser percebido nas atividades elaboradas pelas professoras, pelas falas das meninas ao responder os questionários e nas conversas informais realizada durante as aulas ministradas no projeto.

Referências

CAMILO, K.F. e FREITAS, C.C. Espaços de leitura do projeto meninas da vila: uma reflexão sobre sustentabilidade. In: **Anais do XI ENFOPLE**. Inhumas: UEG, 2015, p.105-113.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

KLEBA, M. E. e WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos



98

nos espaços de participação social e democratização política. In: **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

MORAES, M. C.; VALENTE, J.A. **Como pesquisar em educação a partir da Complexidade e da Transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade.** Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

ONU. Mulheres Brasil e Rede Brasileira do Pacto Global. Baseada na cartilha oficial global dos WEPs (Princípios de Empoderamento das Mulheres, sigla em inglês). 2016. **Princípios do empoderamento das mulheres/igualdade gera negócios.** Disponível em:http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf

PETRAGLIA, I. Educação complexa para uma nova política de civilização. In: **Educar, Curitiba**, n. 32, p. 29-41, 2008. Editora UFPR.

SANTOS, A.; BARROS SÁNCHEZ, S. (2010) Métodos interativos na perspectiva da transdisciplinaridade. In: TORRE, S., PUJOL, M.A., RAJADELL N., BORJA, M. (Coords) **Innovación y Creatividad** (CD-ROM). Barcelona: Giad.

SILVA; W. R. Empoderamento de Participantes de Pesquisa em Linguística Aplicada. In: **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 8, p. 119-139, jul./dez. 2010.